

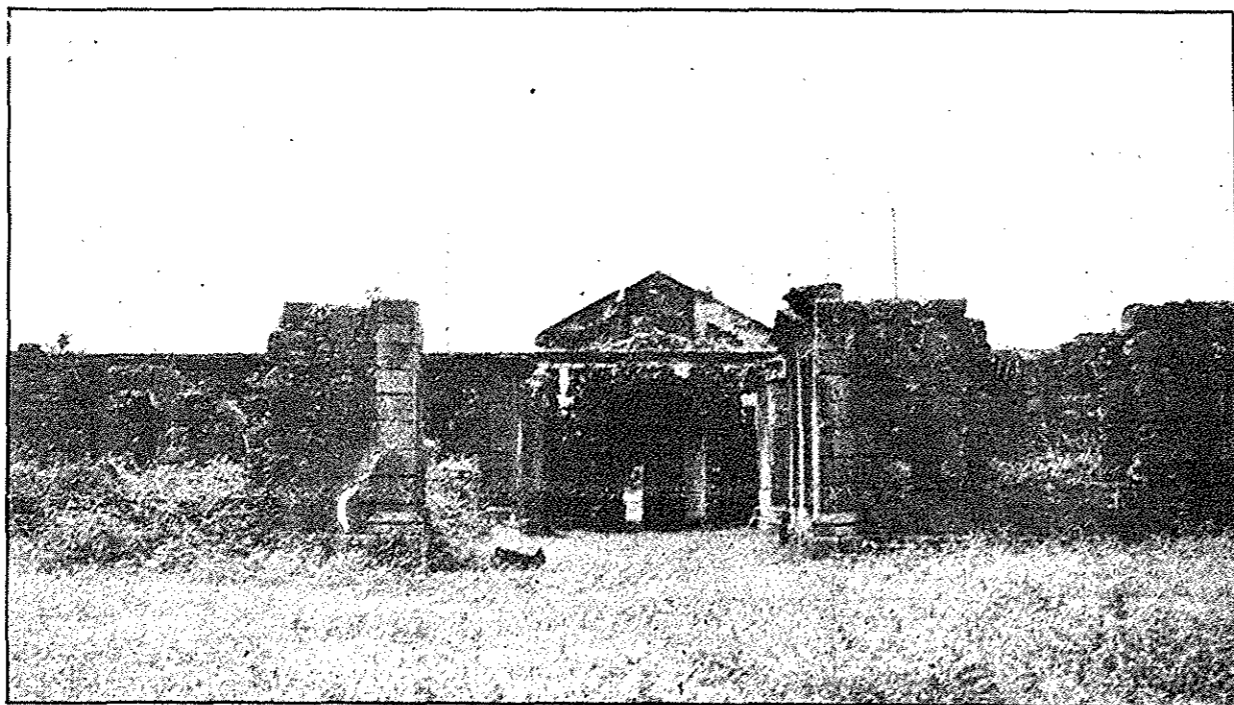
# Rondônia é uma nova opção para o turismo doméstico

COM sua história remontando ao século XVII, por ocasião das penetrações portuguesas na área amazônica, com interesses além da linha delimitada pelo Tratado de Tordesilhas, Rondônia representa hoje uma nova e surpreendente opção dentro do sistema turístico doméstico. O ouro, que até hoje atrai milhares de brasileiros pela abundância nos leitos do Guaporé e Madeira, serviu de atrativo para que bandeirantes e aventureiros criassem as primeiras povoações. A seguir, a febre da extração de borracha trouxe novo surto populacional.

Através do desmembramento de terras dos Estados do Amazonas e de Mato Grosso em 1943, foi criado, por decreto de Getúlio Vargas, o Território de Guaporé que, em 1956, foi denominado Rondônia, em homenagem ao marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, um dos desbravadores da região. Transformado em Estado a 22 de dezembro de 1981, Rondônia é hoje o maior centro de convergência de migrantes brasileiros.

## ATRATIVOS

Em Porto Velho, conheça a Cachoeira onde está a Capela de Santo Antônio, marco da fundação da cidade e Teotônio, o maior declive de água de todo o Estado, onde se realiza anualmente o Campeonato Popular de pesca. Um passeio agradável é na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, cujos 25 quilômetros iniciais foram recuperados. A lendaria ferrovia, que tantas vítimas fez com os perigos da inóspita e desconhecida selva subequatorial, foi construída entre 1907 e 1912 para ligar Porto Velho a Guajará-Mirim e Belém. Os passeios são nos fins-de-semana e o trem parte da estação junto ao Museu, que conserva peças e documentos históricos da ferrovia.



O Forte Príncipe da Beira chama atenção pelo gênio arquitetônico de seus construtores, os portugueses

Mais adiante e talvez por isso mesmo bastante deserto e exuberante, o Vale do Guaporé com suas florestas e rios, guarda o Real Forte Príncipe da Beira, construído pelos colonizadores portugueses em 1783, para proteger as fronteiras brasileiras das incursões militares espanholas. Das belíssimas águas do Guaporé e Madeira saem os peixes que compõem a simples e simpática culinária rondoniense com suas moquecas de pirarucu, caldeiradas de tucunarés e tambaquis na brasa. E na BR-364, que liga Rondônia ao centro-oeste e sul do País, não deixe de visitar as cidades às suas margens onde se pode destacar Vilhena, que é o principal portão de entrada do Estado, Pimenta Bueno com suas grutas riquíssimas de calcário, Cacoal e seus cafezais, as praias e as ilhas de presidente Médi e Ji-Paraná, a paisagem serrana de Ouro Preto do Oeste, a reserva biológica de Jaru e as alvas praias do Rio Jamari em Ariquemes.

## A involução cultural Aruak na Amazônia

"Constituem o fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou à renovação e conservação do patrimônio científico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica".

(Texto da Carta do Folclore Brasileiro, elaborado no I Congresso Brasileiro de Folclore do Rio de Janeiro em 1951).

AS manifestações folclóricas, em Rondônia, não se constituem como expressão autêntica do povo. Deve-se esta afirmação ao processo acelerado da entrada de migrantes oriundos de todos os Estados da Federação. Cada um, trazendo como bagagem uma cultura diversa, que procura transmitir ou adequar, conforme a influência aqui recebida.

Por esta e outras razões os mais difundidos entre a população são: a quadrilha, a macumba, o boi-bumbá, o balão, o tipiti, o carimbo, muito comuns, em outros Estados, mas que sofreram transformações locais próprias, por aqueles que o praticam.

Pode-se considerar como folclore autêntico o indígena com seus hábitos e costumes. Atualmente começa a ser explorada entre os estudantes e grupos teatrais locais, a interpretação de lendas e rituais, como: a Iara, o Mappinguari, o Boto, dança do Índio e cerimônia do casamento indígena. Sabe-se que este primeiro passo para a integração do folclore de Rondônia às camadas populacionais, ainda é incipiente. Há que se tratar das crenças, superstições, mitos, comidas, folguedos e artesanato, cujo trabalho deverá ser intenso, para que não desapareçam sem deixar vestígios.

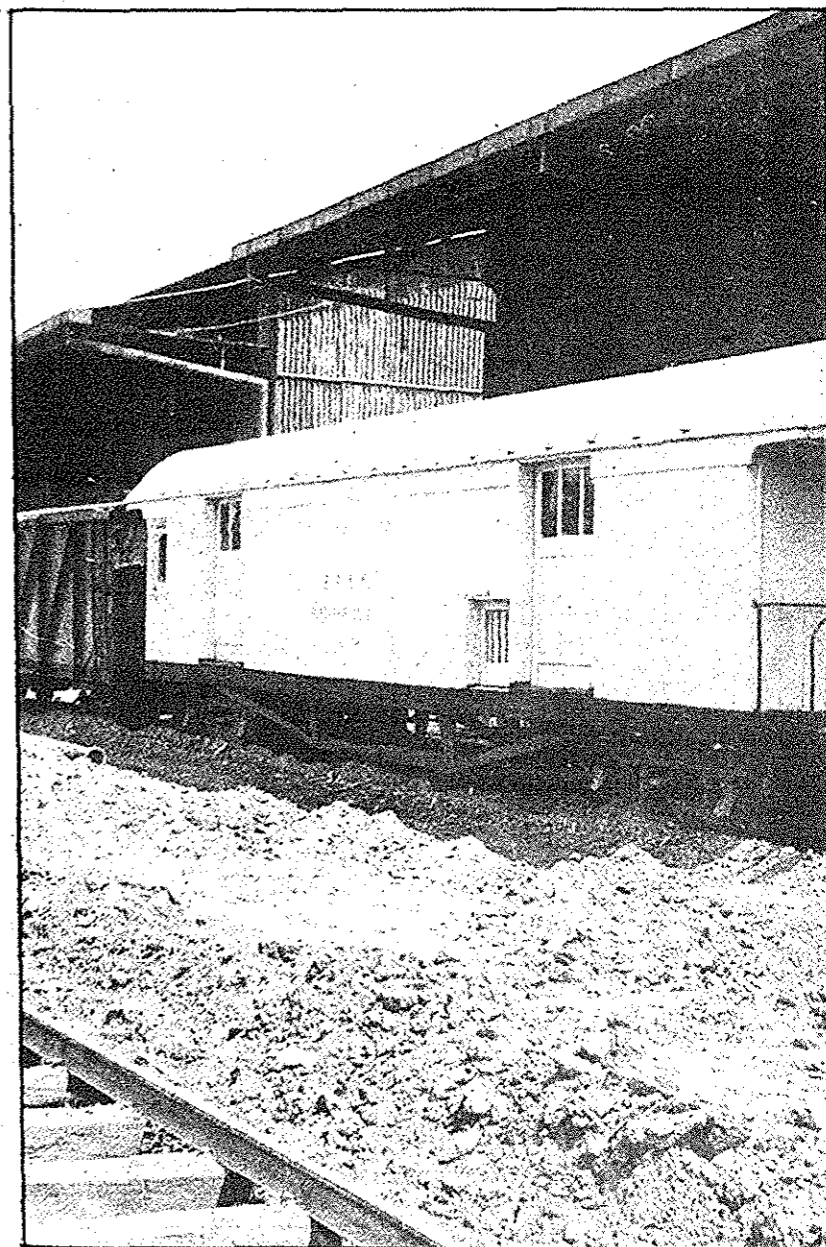
Em 1976, foi iniciado um trabalho de pesquisa no setor artesanal para identificar artesões, matéria-prima utilizada e tipo de produção. Identificou-se como produtos principais: cestos, esteiras, abanos feitos de palha tucum e cipó titica; objetos de enfeites de ouriço de castanha, entalhes de madeiras diversas e a cerâmica, de uma beleza rudimentar.

## INVOLUÇÃO CULTURAL

Antes que a América fosse dividida em duas seções etnográficas diferentes, pelo Rio

Grande, hominções e hordas humanas já tinham atingido a Amazônia, quer atravessando o istmo do Panamá, quer vindo pelo mar. Parece que a primeira família Aruak, que se espalhou, depois, por toda América do Sul. Segundo o professor tcheco Ales Hrdlicka, a vinda dessa gente ultrapassa aos quinze mil anos. Outros, como o professor Laukota, não vão a tanto: acham que esse povo chegou à Amazônia em nove hominções provindas do oriente. Na época anticabralina, um agrupamento Aruak deslocou-se das Antilhas, em grandes barcaças, e localizou-se no farelhão marajoara, constituído pelas Ilhas de Marajó, Caviana e Mexiana, na embocadura do Amazonas, cujas águas tépidas fizeram com que aí se fixassem. Como todo agrupamento em migração ativa, era natural que seus artistas descrevessem tudo de belo e de interessante que viam, pois vinham para um novo porvir. Estabelecidos nessas ilhas, encontraram material excelente para suas esculturas, bem como matas e campos propícios ao desenvolvimento de sua agricultura.

Martius, em sua primeira classificação científica do índio brasileiro, classificou-o como o homem da farinha, isto é, homem da agricultura. Esqueceu-se o eminente professor bávaro que os Aruás pertenciam à família Aruak, que se localizaram nessas ilhas, cuja tendência era para a arte oleira. As urnas funerárias, os vasos de cariatíde, os vasos de gargalo, as tangas de barro usadas pelas cunhãs, nos seus frisos, nas suas gregas e nos hieróglifos, contavam a história de seu povo. Tornar-se-ia necessário um novo Champollion para, com pesquisa meticulosa, descobrir a castigada antropogeografia desse povo. Parece que na grande família linguística Aruak, somente o agrupamento Aruã deu artistas notáveis na



A Madeira-Mamoré é um atrativo sempre vivo para os visitantes

arte de modelar o barro e o cauxi.

As urnas funerárias, em que se enterravam seus mortos tinham as mais diferentes formas. Muitos anos depois da localização desse agrupamento pacífico e trabalhador, começaram as invasões por elementos estrangeiros. O primeiro aventureiro a violentar esse povo foi Alonso Ojeda, navegador pioneiro a atingir as águas amazônicas. Consta que esse navegador, acompanhado de Américo Vespúcio, transportou à força para suas galeras 36 índios, a fim de os exibir aos reis da Espanha. A família Caraíba, não obstante o seu notável complexo cultural, era, por esses idos, de uma ferocidade incriável. O caraíba atingiu a Amazônia através do Panamá, galgou as culminâncias dos Andes, após o que se derramou na sinclinal desmedida que se escancara entre o sistema orográfico central brasileiro e o sistema orográfico guianense.

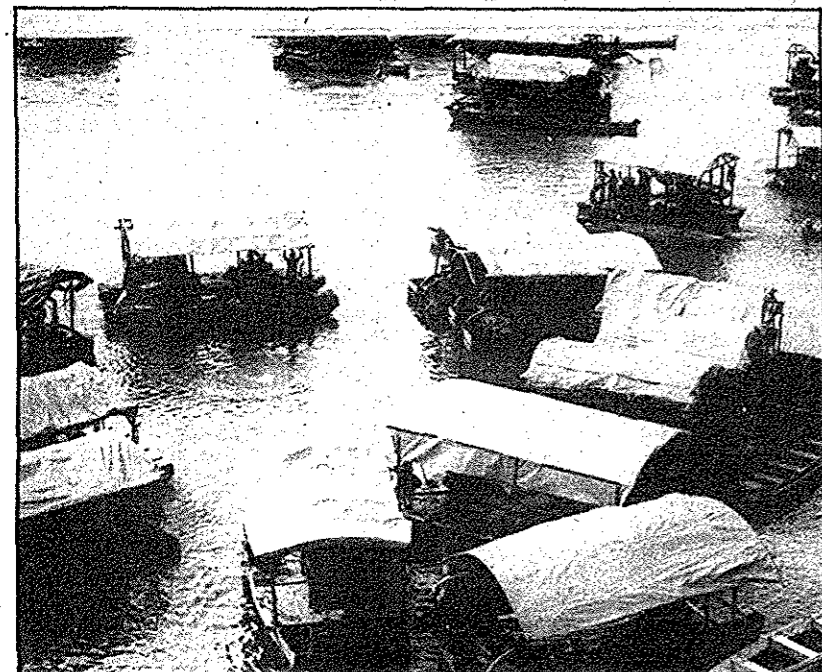
## FAVORITO DA RAINHA

Quem deu notícia da ferocidade dessa gente, na Europa, foi o corsário galante favorito da rainha Elizabeth I, Walter Raleigh, que nos serões da corte contava suas aventuras nas Guianas, chegando até a exibir o veneno mortífero dessa gente, o Curare ou Uirary. O caraíba, ao atingir a margem esquerda do Amazonas e a sua foz, expulsou com violência os Aruás, tomando-lhes as mulheres. Os Aruás encetaram nova migração, desta vez passiva. A migração passiva traz toda sorte de malefícios para um povo: perda de seus pertences, de antes queridos, de suas agriculturas e, sobretudo, das suas obras de arte. Os Aruás subiram o grande rio, já bastante reduzido, profundamente desanimados, e chegaram à foz de um rio de águas verdes e límpidas, o Tapajós, onde lhes pareceu pos-

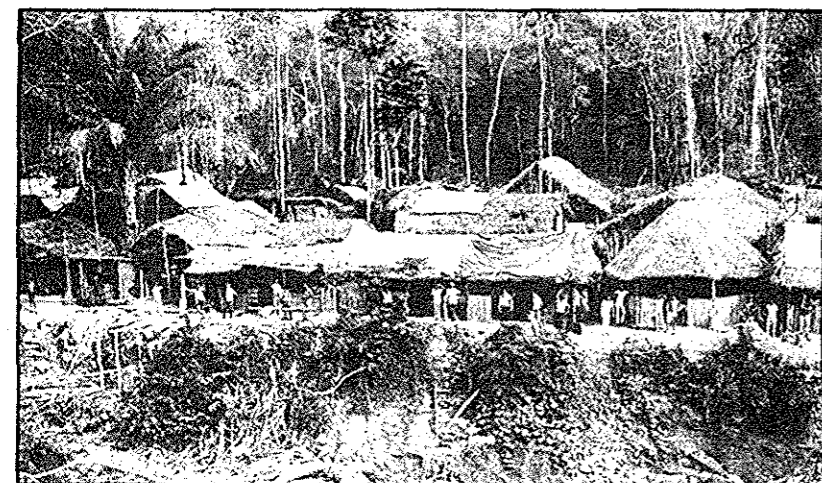
sível reconstituir sua antiga cultura. Assim o fizeram. Os artistas oleiros puseram mãos à obra, mas o produto de sua arte já não tinha mais a beleza, a figura e os arabescos antigos, talvez porque não quizessem transmitir à posteridade as agruras sofridas na fuga.

O Aruã, entretanto, parece que teve que pagar algumas dívidas para com os deuses, pois, depois da reconstituição de sua cultura oleira no Tapajós, embora inferior à Marajoara, teve que abandonar, pela segunda vez, os seus pagos, premiados pelos ferozes reduzidos de cabeças, os Munducurus. Foi um salve-se quem puder. Grupos de Aruás internaram-se pelo rio Trombetas, Nhamundá, Javari, Juruá, Purus, Madeira e seus afluentes. Por essa ocasião, os artistas Aruás haviam perdido todo o sentido do belo, e hoje, nos rios como o Mamoré, Corumbiara, Apiá, São Miguel e Cautário, e cerâmica que se encontra é puramente de necessidade.

Em 1912, o barão de Norderkiold, visitando o Rio Guaporé, deu notícia, nos seus escritos, que outrora vivia entre Cachoeira de Conceição e Ilha das Flores, à margem direita do Rio Guaporé, uma tribo oleira, provavelmente pertencente à família de Aruak. Do mesmo modo, o Conde de Castenau, e mais recentemente em 1934 o etnólogo alemão Henrique Snethlage, confirmaram as previsões do ilustre etnólogo dinamarquês. Efetivamente, entre a Cachoeira de Conceição e a Ilha das Flores, encontram-se restos culturais bastante antigos. O barão de Norderkiold fala, também, de uma tribo que se localizava entre os rios Mekens e Corumbiara, e que depois emigrou, premiada por circunstâncias diversas, para a margem esquerda do rio Apiá. Essa tribo, hoje extinta, era denominada Massacá (do tupi: mbussaca-amigo hospedeiro).



A busca ao ouro é uma atração para os garimpeiros de outros Estados



Vila do Paredão é uma grande concentração de garimpeiros que procuram Rondônia em busca de riqueza

# Jaru, terra da madeira e gado

TÉCNICO agrícola formado no Espírito Santo, Leomar José Baratella foi para Rondônia como funcionário do Inara, com a difícil missão de distribuir lotes rurais. Com seu jeito simples foi conquistando amizades e, em 1982, bastante prestigiado, foi eleito pelo PDS para a Prefeitura de Jaru, onde tudo era difícil e estava por fazer, já que apenas um ano antes o Município fora emancipado.

Quando assumimos, Jaru não tinha quase nada. Construímos os prédios da Câmara Municipal, o Fórum, o Mercado, a própria Prefeitura. Concluímos as obras do Terminal Rodoviário e abrimos muitas estradas rurais. Muitas pontes também foram edificadas.

Jaru, com uma extensão territorial de 12.551 km<sup>2</sup>, tem a sua economia diversificada na pecuária, madeira, borracha e cacau. Mas como não podia deixar de ser, já tem os grandes problemas nas áreas de educação, saúde e estradas.

Foi um verdadeiro presente de grego. Sinceramente, se soubesse o que era a Prefeitura, não tinha disputado as eleições. Se a Prefeitura fechasse era lucro, pois estamos só trabalhando no vermelho.

O Prefeito Leomar José Baratella, atualmente sem partido político, mas apoiando as medidas adotadas pelos governos da União e do Estado, confessa seu desânimo em prosseguir na luta:

A população não compreende

as dificuldades que enfrentamos para administrar o Município sem dinheiro. O Prefeito é cobrado a todo instante. A população não tem conhecimento de nossas lutas. Não temos um veículo de divulgação na cidade e isso prejudica muito o relacionamento com a comunidade. É muito desgastante a vida política. O povo tem que se conscientizar que deve ajudar os governantes, os administradores. O peso da cruz deve ser dividido. Uma das causas responsáveis pela atual situação foi o fracasso do Plano Cruzado e outras medidas econômicas adotadas pelo governo, que gerou um clima de insatisfação e falta de credibilidade nos homens públicos, como reconhece o Prefeito de Jaru. Ele

acha que eleições todo ano acabam por levar o País a grandes sacrifícios, daí ser de opinião favorável a eleição geral.

Apesar de todas as adversidades, o Prefeito Leomar José Baratella, com o apoio que tem recebido do Governador Jerônimo Garcia Santana e do Governo federal, tem feito bastante por Jaru, como a instalação de 25 postos de saúde, 230 salas de aulas e diversas outras obras. O Município dispõe de um hospital, mas o número de leitos - 36 - já está ultrapassado.

O Prefeito Leomar José Baratella torceu para que o garimpo não desse certo em sua região, pois, segundo ele, é um foco de conflitos, violência e mortes.



Leomar José Baratella, Prefeito de Jaru